

# Memórias da infância e juventude em Carolina Maria de Jesus (1914-1977)

José Carlos Gomes da Silva\*

---

## Resumo

O artigo discute as memórias da infância e juventude da escritora negra Carolina Maria de Jesus. A análise prioriza os textos memorialísticos, especialmente a obra póstuma *Diário de Bitita*. O período em foco compreende os anos de 1914 a 1937, datas limites, que se referem, respectivamente, ao nascimento de Carolina e ao momento em que migrou para a cidade de São Paulo. Aborda, fundamentalmente, o olhar retrospectivo da autora sobre a questão racial. Conclui tratar-se de um tema contraditório, que se redefiniu ao longo da sua trajetória de vida.

## Abstract

This article discusses the memories and early life of the Black writer Carolina Maria de Jesus. The investigation focus primarily on memorial sources, predominantly *Diario de Bitita*, published after Jesus' death. The examination will comprehend the time she was born, in 1914, up to 1937, interlude in which she moved to the city of Sao Paulo. Ahead of her time, the writer approached racism as a hard and contradictory issue, redefining it over and over in her work.

---

Carolina Maria de Jesus foi a nossa primeira escritora negra de sucesso. Alcançou esta condição em um momento histórico absolutamente adverso. Nos anos de 1960 o mundo das letras se apresentava inacessível até mesmo para as mulheres brancas e “bem nascidas”<sup>1</sup>, não se poderia imaginar que uma mulher negra, pobre e favelada, que extraia o seu sustento da reciclagem do lixo urbano se transformasse em um fenômeno editorial. O seu primeiro livro, *Quarto de despejo*, atingiu a cifra de dez mil exemplares em primeira edição,

---

\* Professor de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: [josecarlosgs@uol.com.br](mailto:josecarlosgs@uol.com.br)

<sup>1</sup> Expressão empregada por Mariza Lajolo (1995) em referência à emergência das mulheres no universo literário brasileiro nos anos 60, como por exemplo, Clarice Lispector e Nélida Piñon.

um número extraordinário até mesmo para os padrões atuais, cujas impressões não ultrapassam três mil volumes.

Analiso neste artigo as memórias da infância e juventude que Carolina elaborou de maneira mais nítida no final da vida, no período em que passou a residir em uma pequena Chácara no bairro de Parelheiros. Na década de 70, este seria o último refúgio da escritora negra. O seu falecimento ocorreu em 1977, quando já se encontrava distante da mídia e do glamour propiciado por *Quarto de despejo*. O livro *Diário de Bitita* foi elaborado então nesse momento em que a escritora se permitiu uma pausa para rever o passado. Embora a idéia do diário fosse buscada enquanto estratégia editorial, o resultado foi um interessante depoimento sobre a infância e a juventude distanciadas pelo olhar da vida adulta. Os fatos aos quais nos referiremos compreendem os anos entre 1914 a 1937, período que compreende o nascimento e a migração para a cidade de São Paulo.

As produções autobiográficas, *Diário de Bitita*<sup>2</sup>, *Antologia pessoal* e os textos *Sócrates africano* e *Minha vida* constituem as nossas principais fontes de pesquisa. Trata-se de escritos que o pesquisador José Carlos Sebe Bom Meihy classificou como de caráter memorialístico<sup>3</sup>. Priorizamos na análise temas reiterados pela autora como a vida familiar e a questão racial. Os dados biográficos que se encontravam dispersos nos diferentes textos foram reunidos e reordenados sempre que possível, cronologicamente. Na delimitação dos marcos cronológicos tomamos como base as datas fixadas por Carolina. Em situações nas quais estas referências inexistiam, consideramos alguns indicadores como, por exemplo, o ano ou o tempo em que permaneceu em determinado local.

---

<sup>2</sup> Bitita era o apelido de infância de Carolina.

<sup>3</sup> Os materiais considerados memorialísticos são aqueles em que a autora relata as ultiores experiências de vida. Mehy, (2004: 41) se refere apenas aos textos “Sócrates africano” e “Minha vida”. Incluímos nesta relação o livro *Diário de Bitita*, como a nossa principal fonte de pesquisa, pois detalha e amplia as informações dos textos citados. O livro *Antologia pessoal* registra igualmente momentos da história de vida da escritora sob a forma de poesia.

## Vida em família em Sacramento

*Diário de Bitita* é, portanto, o mais importante registro de memórias da infância da escritora. Foi escrito como uma tentativa de retomar, já em um momento difícil da vida, o formato do diário após o fracasso que experimentara com o gênero romance<sup>4</sup>. O mercado editorial nos anos 70 já se encontrava “fechado” para Carolina. *Diário de Bitita* (DB) foi então lançado na França em 1982. No Brasil obteve apenas uma edição, em 1986. A narrativa organizada por meio de temáticas, vinte e duas ao todo, reúne memórias de situações vividas, de crônicas do cotidiano, registros de discriminações raciais, descrição de fatos históricos, reminiscências da vida familiar. Esta apresentação das experiências pessoais possibilitou-nos, porém, acessar um conjunto de fragmentos discursivos que nos permitiu compreender momentos decisivos da trajetória individual da escritora e aspectos da experiência coletiva dos negros no período imediato à abolição da escravatura.

Destacamos de imediato que ao recuperar o passado Carolina procurou sublinhar a vida familiar, mas expressou também preocupações inéditas com a questão étnico-racial. *Diário de Bitita* foi escrito, como dissemos, no período em que passou a residir na chácara em Parelheiros, seu último refúgio no espaço paulistano. Já havia, portanto, experimentado o sucesso e os percalços do status de escritora. Mas curiosamente, mesmo vivendo distante dos holofotes, situada novamente à margem da sociedade, não revela, por meio da narrativa, sentimentos de amargura ou desilusão. Os momentos de infância e juventude, ainda que árduos, são descritos de maneira singela e por vezes bem humorada. O fragmento abaixo exemplifica uma dessas situações em que, ao lado das difíceis condições de trabalho, focaliza candidamente as brincadeiras infantis:

Minha mãe cozinhava com lenha. Nós não podíamos comprar, íamos buscá-la no mato. Reuniam-se várias mulheres: a Maria Preta, a Joaquina e Maria Triste, minha mãe e eu. Levávamos um machado. Que suplício andar no mato procurando um pau aqui, outro ali. Quando encontrávamos um pau seco, que alegria!

---

<sup>4</sup> Referimos-nos ao livro *Pedaços da fome* (1963).

Era como se encontrássemos um filão de ouro. Era aquela andança dentro do mato, das sete ao meio-dia. Eu gostava de ir para comer frutas silvestres – jatobá, pitanga, gabioba, araticum, maracujá e marmelo-de-cachorro. Não gostava do retorno. Minha mãe me obrigava a carregar um feixe de lenha. Eu era fraca e não suportava o peso. Mas não podia reclamar. Já estava começando a compreender que para viver temos que nos submeter aos caprichos de alguém. Quando não é a mãe, é o esposo ou o patrão. Que dor horrível nas pernas! O peso me comprimia para baixo, como se quisesse introduzir minhas pernas dentro da terra. Quando chegava em casa e jogava o feixe de lenha, que alívio! Ia sentar para descansar (Jesus, 1986: 96-97).

Carolina nasceu na cidade de Sacramento em 1914. Existem, porém, controvérsias quanto à data. O local experimentava um ciclo de desenvolvimento econômico que refletia as transformações que se verificavam em Uberaba. Cidade esta, situada no Triângulo Mineiro, que integrava naquele momento a rota de abastecimento de víveres destinados ao centro-sul. O local havia se consolidado como um “núcleo de polarização mercantil e política” de uma extensa rede de arraiais que incluía a própria Sacramento. Conhecida como *porto do sertão*, tornou-se ainda nas primeiras décadas do século XIX, uma espécie de entroncamento de produtos agropecuários e de escravos. Estava ligada a Formiga, a São João Del Rei e ao Rio de Janeiro pelo Desemboque, a São Paulo e a Goiás pela Estrada do Anhanguera e, a partir de 1824, também a Cuiabá, pela Estrada Real ou Estrada de Cuiabá (Lourenço, 2002: 229). Tal condição assegurava o permanente deslocar de comitivas, escravos, mercadorias e cidadão livres, que após Abolição seriam sucedidos pela migração de ex-escravos e trabalhadores nordestinos.

O cotidiano de Sacramento nas primeiras décadas do século XX reproduzia, portanto, situações similares experimentadas por Uberaba. Sabemos que também acolhia pessoas em trânsito, particularmente os pobres, retirantes nordestinos e ex-escravos, que afluíam com relativa periodicidade ao pequeno arraial. Os trabalhadores rurais que retornavam das fazendas nos finais de semana eram responsáveis pela reativação do comércio, festas, feiras, atividades religiosas e *lupanares*

frequentemente mencionados pela autora. O esgotamento da mineração nas regiões tradicionais de Minas Gerais e o recrudescimento da pecuária no Triângulo Mineiro atraíram os avós maternos de Carolina, que viviam anteriormente às margens do Rio das Velhas.

A mãe e o avô de Carolina são descritos como as pessoas mais importantes nestes primeiros anos de vida. Nascida em uma família matrifocal, freqüente em países que tiveram a economia apoiada no trabalho escravo, os vínculos afetivos, materiais e morais mostram-se sólidos em relação à mãe, Maria Carolina. As relações com o avô, Benedito José da Silva, um ex-escravo, um contador de histórias<sup>5</sup>, influenciaram o gosto pela narrativa e a visão positiva das origens africanas:

O vovô era descendente de africanos. Era filho da última remessa de negros que vieram num navio negreiro. Os negros cabindas, os mais inteligentes e os mais bonitos (Jesus, 1986: 114).

No mês de agosto, quando as noites eram mais quentes, nos agrupávamos ao redor do vovô para ouvi-lo contar os horrores da escravidão. Falava dos Palmares, o famoso quilombo onde os negros procuravam refúgio. O chefe era um negro corajoso de nome Zumbi. Que pretendia libertar os pretos (Jesus, 1986: 58).

Sobre a mãe, localizamos citações em que destaca a forma como entendia a educação dos filhos e administrava os preconceitos que lhes eram endereçados:

As vizinhas me olhavam e diziam  
– Que negrinha feia! Além de feia antipática. Se ela fosse minha filha eu matava.  
Minha mãe me olhava e dizia:  
– Mãe não mata filho. O que a mãe precisa ter é um estoque de paciência.  
O senhor Eurípedes Barsanulfo disse-me que ela é poetisa!  
(Jesus, 1986: 13).

As informações sobre a mãe confirmam tratar-se de uma pessoa determinada. Enfrentou de forma resignada os preconceitos relacionados com a condição de mulher negra, não se abalando, mesmo

---

<sup>5</sup> Referimo-nos à tradição dos *griots*, identificada no oeste africano por Amadou Hampate Bâ (1982) e, no Brasil, por Gilberto Freyre, na figura dos *akpalô* (Freyre, 1946: 550).

no momento em que a conduziram sem motivos à prisão. Embora casada em uma época que não se questionava o poder masculino, assumiu a condição de *mulher semi-livre*, não dependendo do marido para o sustento da casa. Exercia a função de lavadeira de roupas, cuja renda assegurava o sustento do grupo familiar. Admitiu publicamente uma relação extraconjugal, um ato impensável, especialmente em uma cidade pequena, preconceituosa e moralista. Assim que a filha Carolina nasceu, o marido a abandonou. Suportou também com indiferença os preconceitos sobre a infidelidade. A chefia da casa foi então plenamente exercida. Não chegou a coabitar com pai biológico de Carolina. Cuidou sozinha dos dois filhos que se originaram do relacionamento conjugal e extraconjugal.

Carolina lembra que a mãe teria sido poetisa. Seu pai biológico era músico popular e atuava em casas noturnas. As informações sugerem indiretamente que a herança artística teria origem familiar. Apenas as atitudes submissas da mãe em face aos brancos mereceram ressalvas. Mesmo sendo “filha do Ventre Livre” registra em *Minha vida* (MV), com certa indignação, que tinha o costume de dirigir-se servilmente aos brancos. “Minha mãe era descendente do Ventre Livre e dizia que o branco era o verdadeiro dono do mundo. Eu dava risada. Minha mãe aprendeu dizer aos brancos, sim senhor, sim senhor” (Jesus, 1994a: 180). Exceto por essa postura, as referências à mãe são sempre positivas. Mãe e filha parecem ter permanecido unidas até o ano de 1937, época em que Carolina foi sozinha para São Paulo. Encontravam-se em Franca, quando se separaram em definitivo.

Ao contrário da mãe, as poucas informações sobre o pai biológico, são sempre negativas. Revela de imediato nas primeiras páginas de *Diário de Bitita* o sentimento de perda afetiva com o desconhecimento da paternidade: *conhecia o pai do meu irmão e não conhecia o meu* (Jesus, 1986: 7). Quando o descreve, reproduz as percepções veiculadas pela mãe:

um dia, ouvi da minha mãe que o meu pai era de Araxá, e o seu nome era João Cândido Veloso. E o da minha avó era Joana

Veloso. Que o meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele só tinha um terno de roupas. Quando ele lavava a sua roupa, ele ficava deitado nu. Esperava a roupa secar para vesti-la e sair (Jesus, 1986: 8).

O modelo de família matrifocal que experimentara na infância foi praticado por Carolina na vida adulta, quando passou a residir em São Paulo. Teve vários amantes e namorados, mas por decisão pessoal não firmou laços conjugais com nenhum. Manteve-se sempre na condição de chefe de família, responsabilizando pelos cuidados de três filhos: João, José Carlos e Vera Eunice. Vangloriava-se dessa condição autônoma, e criticava as mulheres casadas que se submetiam ao despotismo dos esposos.

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas (as mulheres casadas), têm de mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tábuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados (Jesus, 1960: 17-18).

As pessoas que mantiveram contatos próximos com Carolina no período em que residiu na favela do Canindé, nos anos de 1948 a 1960, confirmam que de fato, os filhos formavam “um núcleo muito fechado em torno da mãe”<sup>6</sup>.

A relação com o avô, Benedito José da Silva, parece tê-la compensado afetivamente da ausência paterna. As descrições, neste caso, são sempre amáveis: *Era um preto alto e calmo. Resignado com o soldo da escravidão. Não sabia ler, mas era agradável no falar. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje* (Jesus, 1986: 7). Recorria ao avô sempre que as relações com a mãe se tornavam difíceis. Este atuava também como tutor, fornecendo-lhe conselhos, orientações sobre o estudo e a forma como deveria comportar-se no mundo dos brancos. A rígida conduta moral era proposta como estratégica para a sobrevivência em uma sociedade fundamentada na discriminação racial. A imagem construída por Carolina sobre o avô reforça o conceito

---

<sup>6</sup> Marta Terezinha Gondinho, assistente social da favela do Canindé (Meihy; Levine, 1994d: 117).

de ser este um mestre da tradição oral. A cidade o conhecia como “Sócrates Africano”. Confirma que, por meio do avô, adquiriu também saberes fundamentais que a prepararam para o enfrentamento da vida diária.

Eu não tive ninguém para guiar-me nessa vida. O que impediu-me de cair no abismo foram as palavras do vovô:  
– Vocês não devem roubar! O homem que rouba não mais tem possibilidades de reabilitar-se. Não devemos enganar os que nos depositam confiança. Quando você entrar numa casa, deixe boas impressões, para você poder voltar novamente e ser recebida com sorrisos. Os que apoderam-se dos bens alheios estão comprando suas passagens para o inferno (Jesus, 1986: 197).

Porém, mesmo se pautando por princípios morais tão rígidos, preservados até mesmo quando a sobrevivência física esteve no limite do humanamente suportável, sempre a vemos conduzindo-se com retidão e de forma resignada. Ao olhar estrangeiro e externo esta atitude foi por vezes interpretada como subserviência, mas quando observamos as difíceis condições às quais fora submetida, verificamos que nesse silêncio resignado estava presente também uma forma de resistência.

Foram exatamente as atitudes aparentemente submissas que mais intrigaram os jovens norte-americanos e o prof. Robert Levine que adotaram *Quarto de despejo* enquanto leitura obrigatória em cursos sobre a América Latina nos anos 70. Inconformavam-se, especialmente, com o fato de a escritora não se rebelar, não se desesperar com a dura realidade da favela. Conforme o professor Levine, “ano após ano”, seguidamente, o livro era solicitado e exercia o mesmo estranho fascínio sobre levadas de estudantes. Com ele em punho eu questionava a classe: “*porque essa mulher era tão dócil?* E a decisão deste ‘teorema’ consumia o resto do tempo de aula” (Meihy; Levine, 1994d: 202).

Estratégias de recusa, silenciamento e indiferença, para aqueles que se encontram nos limites existência humana, sem apoios institucionais, familiares ou coletivos, podem ser compreendidos como formas solitárias de luta. Este é um caminho possível para se entender a autora no enfrentamento do racismo e da vida miserável que experimentou na favela do Canindé, cujo realismo provocou um

primeiro choque na consciência nas camadas abastadas que viviam nos anos de 1960 embalados pela ideologia do desenvolvimentismo e dos anos dourados. Com mais facilidade, somos seduzidos no campo da política a enaltecer as manifestações coletivas, aquelas que se expressam nos espaços públicos. As estratégias do silenciamento e da recusa, por vezes confundidas com alienação, foram, no entanto, registradas ao longo da resistência escrava, e recentemente, durante o período ditatorial, voltaram a ser tomadas como objeto de análise<sup>7</sup>.

Situações desumanas foram narradas também por Carolina em *Diário de Bitita*, portanto, antes mesmo de experimentar os horrores da fome na favela do Canindé, vivenciou na infância e juventude os dramas da rejeição associados à pobreza extrema. Durante a juventude, por exemplo, foi acometida por uma doença que lhe deixou graves “feridas nas pernas”, o que a obrigou a peregrinar por Ribeirão Preto em busca de apoio médico. Durante o período foi rejeitada, inclusive por parentes, tratada pelos habitantes como indigente e mendiga. Viveu ao relento e passou dias a fio sem se alimentar. Teve, assim, o seu “batismo de fogo”, mas a conduta moral não foi abalada. No entanto, mesmo agindo de forma moralmente irrepreensível experimentou o drama do preconceito. Foi injustamente denunciada e presa por roubo, acusação que se mostrou imediatamente inverídica. A memória da infância em Sacramento registra diferentes situações em que denuncia o racismo:

Quando ocorria um roubo, os pretos eram os suspeitos. Os policiais prendiam. Quantas vezes eu ouvi os maiores dizendo:  
– Negros ladrões, negros ordinários  
[Os negros] diziam:  
– Não fomos nós.  
Notava os seus olhares tristes.  
Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. Quando brigavam comigo diziam:  
– Negrinha! Negrinha fedida  
(Jesus, 1986: 91-92)

---

<sup>7</sup>Maroni, A. *A estratégia da recusa. Análise das greves de 1978, 1982.*

## Repensando a identidade racial

As questões étnico-raciais ocupam também um lugar especial nas memórias da autora. Os escritos memorialísticos contrastam, nesse aspecto, com *Quarto de despejo*, quando o tema foi abordado apenas indiretamente. Chama a atenção o fato de, na identificação das pessoas, Carolina destacar sempre a cor:

tenho três madrinhas (...) uma preta, uma mulata e a outra branca (...) A siá Maruca era preta. Mas era carinhosa, penteava e trançava meus cabelos. A madrinha Matilde que me crismou era mulata. A madrinha Mariinha era branca (Jesus, 1986: 15).

Mais que um recurso para descrever os indivíduos, o apelo à cor, serve de instrumento para evidenciar uma multiplicidade de conflitos motivados pela discriminação racial. A relação é extensa, como por exemplo, o caso de um soldado branco que matou impunemente um nordestino negro; a tia mulata que *odiava pretos*; a prisão da mãe por motivos raciais; relações amorosas impedidas em função da cor; insultos racistas, entre outros. A menção à cor das pessoas possibilita, portanto, a denunciar implicitamente o racismo enquanto moldura das relações sociais.

A associação entre o nome, o status social, o parentesco e a cor pode ser visualizada no quadro abaixo. As informações que a autora apresenta referem-se particularmente aos parentes. Trata-se de uma relação que não é exaustiva.

### Pessoas citadas pela autora e a cor correspondente

Nome	Status social - parentesco	Cor
Benedito José da Silva	Avô materno	Preto
Ana (Donda)	Tia materna	Mulata
Ana Marcelina	Irmã da avó materna	Mulata clara
Antonio	Tio	Preto
Antonio Cavaco	Vizinho da fazenda	Preto
Benedito José da Silva	Avô materno	Preto
Cândido Nunes	Esposo da tia Ana (Donda)	Mulato
Domingos	Colega de infância	Preto
João Cândido Veloso	Pai	Preto
João Miguel	Esposo da prima Mariinha	Branco
Joaquim	Tio e esposo de Mariinha (madrinha)	Preto

José Benedito	Administrador da Fazenda do Loló	Mulato
José de Paula	Filho da Maria Maruca	Preto
José Romualdo	Padrasto	Preto
Jovino	Esposo de Jerônima filha da Siá Dona	Mulato
Jerônima	Esposa de Jovino	Branca
Manoel Nogueira	Oficial de justiça	Mulato
Maria Carolina	Mãe	Preta
Maria Leite	Voluntária kardecista	Branca
Maria Maruca	Filha da Siá Maruca	Mulata
Mariinha	Madrinha de batismo	Branca
Mariinha	Prima, filha da tia Ana	Branca
Matilde	Madrinha	Mulata
Octaviano	Filho da tia Ana Marcelina	Preto
Osório Pereira	Esposo da mãe de Carolina	Mulato
Romualdo	Vizinho da fazenda	Preto
Sebastião	Esposo da Maria Maruca	Preto
Siá Maruca	Esposa do avô	Preta
?	Delegado	Branco

As questões relacionadas à identidade racial em Carolina são controversas. Os pesquisadores destacam principalmente as ambigüidades e conflitos que manifesta quando se posiciona sobre o tema. Foram identificados, por exemplo, em *Quarto de despejo*, expressões preconceituosas endereçadas aos negros e nordestinos (Meihy; Levine, 1994d). Porém, em *Diário de Bitita*, ao referir-se aos “pretos” e “baianos” de Sacramento, posturas é sempre de caráter solidário. As opiniões negativas em relação aos negros surgem em geral associadas aos bailes e ao alcoolismo. Trata-se de uma condenação de natureza moral e não étnica, pois os bailes e o álcool eram considerados eventos avessos ao trabalho. Embora fosse uma amante do carnaval e ótima sambista sempre a vemos manifestando opiniões contraditórias em relação aos bailes negros. Revela, no entanto, indiretamente, que estes se mantinham como um aspecto significativo da sociabilidade étnica em Sacramento. Os salões de bailes negros se apresentavam como verdadeiras instituições sociais nos anos 20, 30 e 40 do século passado na cidade de São Paulo<sup>8</sup> e provavelmente a autora os teria freqüentado.

<sup>8</sup> Temos conhecimento do significado social dos bailes negros em outro contexto, por meio dos jornais da imprensa negra paulistana (Silva, 1990, 1998). Há apenas um

A superação pessoal dos estigmas associados à afrodescendência é narrada de forma conflitiva. Sublinha que provavelmente, por volta dos 10 anos, experimentou uma situação em que desejou intensamente tornar-se branca. Percebeu, no entanto, que isto seria impossível. Desde então afirma ter assumido a identidade negra, manifestando-se, inclusive, por meio de expressões que balizavam o posicionamento sobre a negritude na década de 60<sup>9</sup>: *olhei as minhas mãos negras, acariciei o meu nariz chato e o meu cabelo pixaim e decidi ficar como nasci* (1986: 135). A postura adotada por Carolina pode ser mais bem compreendida quando sabemos que, ainda nos anos 60, escritores e militantes negros como José Correia Leite, Eduardo de Oliveira e Osvaldo de Camargo a procuraram, no intuito de trazê-la para o campo das lutas políticas organizadas pelo movimento negro. A referência às questões étnico-raciais em *Diário de Bitita* pode ser interpretada como uma consequência de tais aproximações. Ou seja, teria possibilitado à autora uma percepção crítica das relações raciais que seria incorporada aos últimos escritos.

### **Visões da escravidão e da liberdade**

As observações pessoais sobre os ex-escravos demonstram que a questão racial permaneceu como um tema vivo na memória de Carolina. As narrativas em relação à situação de infortúnio, miséria e discriminações experimentadas pelos negros recém saídos da escravidão, são relatadas em tom de testemunho, sugerindo que se tratava de uma realidade familiar que observara na infância. A propósito, o próprio avô, encontrava-se nesta condição. Colocando-se como cronista, como alguém que viu e ouviu os descendentes de escravos, revela que estes possuíam opinião majoritariamente negativa

---

estudo de época, elaborado por Renato Jardim Moreira (1956), que detalha por meio da observação direta o cotidiano destes espaços.

<sup>9</sup> Carolina não se encontrava alheia aos debates sobre a negritude que emergiram nos anos 60. Em *Casa de alvenaria* (1961) há inclusive referências positivas a Patrice Lumumba. O movimento negro paulistano também, por essa época, rendia homenagens a Leopold Sedar Senghor (Leite, 1992), e promovia encontros com a escritora procurando transformá-la em ícone político.

sobre os portugueses, e que os “horrores da escravidão”, podiam ser diretamente apreendidos em seus relatos:

Eu vi vários pretos que haviam sido agraciados com a Lei Áurea e com a liberdade. Faziam ranchinhos na beira das estradas, porque a beira das estradas públicas pertence ao governo e ninguém falava nada. Eles contavam os horrores da escravidão. Suas mágoas eram contra os portugueses (Jesus, 1985: 79).

As experiências dos ex-escravos se revelam na situação pessoal do avô. Segundo a caracterização que apresenta, tratava-se de um senhor de 73 anos que ainda trabalhava arduamente nas pedreiras de Sacramento. Era um descendente de escravos da etnia *cabinda* orgulhoso das suas origens, que exprimia nas memórias do passado o protesto contra a servidão: “meu avô era um vulto que saía da senzala alquebrado e desiludido, reconhecendo que havia trabalhado para enriquecer o senhor português” (Jesus, 1986: 57).

Mas ao mesmo tempo em que o “Sócrates Africano” manifestava uma visão crítica da escravidão, alimentava também a convicção de que a abolição da escravatura abriria novas possibilidades para os negros. Suas concepções foram influenciadas pelas idéias difundidas pelo “Senhor” Manoel Nogueira, um mulato, oficial de justiça de Sacramento, que desenvolvia no âmbito dos seus limites do município uma atitude militante. Tinha por hábito após o trabalho se reunir com os negros na porta de casa e proferir leituras de reportagens e concepções veiculadas pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. As posições políticas sobre a questão racial professadas pelos abolicionistas e por Rui Barbosa eram sempre destacadas nas preleções. As principais teses apresentadas envolviam a assimilação gradual e a integração pacífica dos ex-escravos à sociedade por meio da educação. Manoel Nogueira acreditava na viabilidade de tal projeto, embora, à época, o acesso ao bem educacional fosse praticamente inacessível aos negros.

Este ideário modelou a visão do avô de Carolina, “que não perdia as leituras do Senhor Manoel Nogueira”. A educação formal, como instrumento de mobilidade social dos negros se apresentava como um aspecto da ideologia da democracia racial, apoiada em uma concepção

de sociedade não conflitiva, na qual os negros seriam progressivamente assimilados. Manoel Nogueira sabia que os seus ideais eram negados pela realidade mais imediata, mas manifestava-se de forma enfática sobre a integração racial vislumbrando um futuro promissor em que a escolarização seria extensiva aos negros:

O Rui dizia que no Brasil ainda vai haver negros doutores, médicos, advogados, engenheiros e até professores. O Brasil não vai ficar assim. Os homens do futuro vão ser mais cultos. Esta canalha de prepotentes vai morrer. Os negros devem estudar e não guardar ressentimentos. A herança de ódio não deve transferir-se de pai para filho (Jesus, 1986: 52).

O avô, que era analfabeto, mas ouvia atentamente o Senhor Manoel Nogueira, absorvia tais conhecimentos e os transmitia à neta. Discutia com propriedade posições políticas professadas pelos abolicionistas e pelo próprio Rui Barbosa. Carolina afirma textualmente, em *Sócrates Africano* (AS), que *os ricos iam visitá-lo porque compreendia-o e os analfabetos iam por curiosidade* (Jesus, 1994b: 192). Os ricos que o visitavam lamentavam o fato de o “Sócrates Africano”, não ter sido alfabetizado. Este lamentava o fato de os filhos não terem conseguido o acesso à educação. Foi nesses momentos iniciais que certamente se apercebeu do valor dos estudos. Compreendeu e expressou a dimensão política desse fato reproduzindo as opiniões atribuídas a Rui Barbosa sobre a importância da escolarização para a inclusão racial:

enquanto portugueses predominaram no Brasil, o negro foi tolhido, as escolas não aceitavam os pretos, mas o Rui Barbosa dizia que agindo assim implantariam o preconceito racial no Brasil. Que um país com preconceitos é um país de raças medíocres (Jesus, 1994b: 191).

O valor que a autora atribui à educação, bem como a própria compreensão das relações raciais, foi moldado no contexto do início do século passado, quando o debate deixou de se pautar na questão *raça x civilização*, como era próprio do período escravocrata, deslocando-se para os embates entre *cidadania x nação*. Nesse novo cenário se fazia

necessário pensar, certamente, os mecanismos de inclusão dos negros, agora transformados em cidadãos.

As pessoas que integravam a elite de Sacramento, que visitavam periodicamente o “Sócrates Africano”: “o Sr. Manoel Soares, o Dr. José da Cunha, o Sr. José Afonso, o Sr. Manoel Nogueira, eram homens que liam o jornal *O Estado de São Paulo* e sabiam o que ocorria no mundo” (Jesus, 1994b: 191) reproduziam a mudança de paradigma, reafirmando as posições modernas de cientistas e intelectuais da época sobre a importância da educação para formação da nação. Nesse contexto, a referência a Oswaldo Cruz é digna de nota:

temos que preparar os nossos homens e não importa os homens preparados. Antigamente o homem, para educar-se tinha que ir para Coimbra. Então educa-se uma minoria, quando, é o dever da pátria, educar a maioria (Jesus, 1994b: 191).

Menciona ainda, Carolina, uma lei atribuída a Rui Barbosa para que os negros fossem incluídos nas escolas públicas, evitando-se com isso a divisão entre *uma classe culta e outra inculta* que, na verdade, reforçaria a divisão racial do país.

Ao findar o século, podemos constatar que os projetos das elites para equacionamento das desigualdades raciais, de fato não lograram êxito. A distância entre negros e brancos pode ser ainda aferida em função do acesso desigual à educação. Mas, seja em função do contexto ideológico, por uma opção pessoal ou simples acaso, o certo é que o acesso ainda que limitado a este bem foi decisivo em sua trajetória pessoal. Mais que a sintonia com um projeto ideológico das elites do início do século passado o esforço que empreenderia na educação dos filhos revela seu auto-convencimento. Vera Eunice, a filha caçula, colocou em prática os ensinamentos da mãe. Atualmente é professora de Português e Literatura na rede pública de ensino do estado de São Paulo.

## Bibliografia

FREYRE, Gilberto (1946). *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio.

HAMPATÉ BÂ, Amadou (1982). “A tradição viva”. In: KI-ZERBO, J. (coord). *História Geral da África. I. Metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática/Unesco.

JESUS, Carolina Maria de (1960). *Quarto de despejo. Diário de uma favelada*. São Paulo, Francisco Alves.

\_\_\_\_\_ (1961). *Casa de Alvenaria*. São Paulo: Francisco Alves.

\_\_\_\_\_ (1963). *Pedaços da fome*. São Paulo: Águila.

\_\_\_\_\_ (1986). *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_ (1996). *Antologia pessoal*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

\_\_\_\_\_ (1994a). “Minha vida”. In: MEIHY, José Carlos Sebe; LEVINE, Robert. *Cinderela negra. A saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

\_\_\_\_\_ (1994b). “Sócrates Africano”. In: MEIHY, José Carlos Sebe & LEVINE, Robert. *Cinderela negra. A saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

LAJOLO, Marisa (1996). “Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina”. In: MEIHY, José Carlos Sebe B. (org.) *Antologia pessoal*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

LEITE, José Correia (1992). *...E disse o velho militante José Correia Leite*. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura.

LEVINE, Robert (1994c). “Um olhar americano”. In: MEIHY, José Carlos Sebe & LEVINE, Robert. *Cinderela negra. A saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

LOURENÇO, Luís Augusto B. (2002). *A oeste das minas. Escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista. Triângulo Mineiro (1750-1861)*. Uberlândia: Diretoria de Imprensa Universitária da UFU.

MOREIRA, Renato J. (1956). “Branços em bailes negros”. *Revista Anhembi*, 71, vol. XXII.

MARONI, Amneris (1978). *A estratégia da recusa. Análise das greves de 1978*. São Paulo: Brasiliense.

MEIHY, José Carlos Sebe; LEVINE, Robert (1994d). *Cinderela negra. A saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

SILVA, José Carlos Gomes (1990). *Os sub-urbanos e a outra face da cidade. Negros em São Paulo, cotidiano, lazer e cidadania*. Dissertação de mestrado, Unicamp.

\_\_\_\_\_ (1998). “Negros em São Paulo: espaço público e cidadania”. In: NIEMEYER, Ana Maria; GODOI, Emília P. (orgs.). *Além dos territórios*. São Paulo: Mercado de Letras.